

• CÉREBRO E LINGUAGEM: TEORIZAÇÃO E PRÁTICAS

Coordenador(a): *Fernanda Maria Pereira Freire*

O simpósio Cérebro e linguagem: teorização e práticas agrega docentes e alunos de pós-graduação de várias instituições (Unesp, Unicamp, Unimep, UFPR, Cesumar) que partilham de um mesmo referencial teórico em torno de questões sobre a relação normal/patológico que se desdobram em diferentes aspectos da linguagem em funcionamento: hesitações que ocorrem na produção oral de parksonianos e que comumente são creditadas às dificuldades motoras que caracterizam tal quadro, mas que parecem ser também deflagradas por questões de natureza lingüística; marcas de refacção textual em produções de sujeitos em processo de aquisição da escrita e em sujeitos com diagnóstico de autismo que, em princípio, não ocupariam diferentes papéis discursivos e, portanto, não corrigiriam o próprio texto; relações metafóricas e metonímicas que entram em jogo em situações dialógicas entre afásicos e não afásicos e que teriam a ver com as noções de sentido, referência e processos de referenciação; diferentes tipos de associações que se estabelecem em um sujeito acometido por uma extensa lesão córtico-cerebral e que se apresentam de diferentes modos em sua produção oral, escrita e leitura; princípio da continuidade sensorio-motora para realizar estimulações tátil-cinestésica, térmica e propioceptiva da face e dos órgãos fonoarticulatórios visando a produção oral e a atividade práxica oro-facial de sujeitos afásicos não fluentes; diferenças na capacidade de uso da enunciação oral e escrita em sujeitos com Síndrome de Down; processo de construção de estruturas silábicas mais complexas como aquelas que apresentam coda e ataque ramificado, em uma criança com Síndrome de Down; análise crítica de como a escrita de sujeitos afásicos tem sido, ainda, tratada pela Fonoaudiologia em decorrência da concepção predominante de linguagem que fundamenta sua prática. Espera-se que esse conjunto de trabalhos possa contribuir para as teorizações a respeito da relação cérebro/linguagem bem como para as práticas clínica e educacional.

A ORALIDADE E A ESCRITA NA SÍNDROME DE DOWN

Reny Maria Gregolin (UFPR)

O estudo longitudinal da escrita de 17 sujeitos portadores de SD - entre 10 e 21 anos de idade - permitiu inferir alguns descompassos na capacidade de uso da oralidade e da escrita. Após a aplicação de uma versão protocolar, para avaliação das duas modalidades de linguagem - se é que podem ser consideradas como tais - feita de modo natural e experimental, foi constatado que nem todos os sujeitos que usam a linguagem oral de forma significativa são capazes de adquirir a escrita. Pretendo discorrer aqui sobre a forma de avaliação e apresentar evidências empíricas do não-paralelismo no uso de cada uma dessas modalidades.

AQUISIÇÕES INICIAIS DE ESTRUTURAS SILÁBICAS COMPLEXAS NA ESCRITA DE UMA CRIANÇA COM SINDROME DE DOWN

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UNICAMP)

Ao iniciarem a aprendizagem da escrita alfabética, crianças começam a analisar a estrutura interna das sílabas e demonstram dominar rapidamente, na escrita, estruturas silábicas do tipo

CV. Estudos sinalizam que a maior parte das crianças apresenta dificuldades em preencher a posição de coda bem como a posição de ataque ramificado. Crianças com Síndrome de Down são consideradas de risco quanto à aquisição e desenvolvimento da linguagem, tanto na enunciação oral quanto na escrita. O objetivo deste trabalho é analisar e discutir o processo de construção de estruturas silábicas mais complexas como coda e ataque ramificado, apresentado por uma menina de 9 anos com Síndrome de Down. Foram realizadas sessões semanais no período de um ano e meio com duração média de uma 1:30 h. As sessões iniciam com a definição da agenda do dia, que geralmente desencadeia a realização de uma produção textual motivada pelas novidades trazidas pela criança. Não foram observados avanços quanto à posição de coda. Quanto ao ataque ramificado, a partir do sexto mês de acompanhamento, a criança começou a apresentar, em sua produção, indícios de uso desta estrutura, como a inclusão de uma consoante, que em situações anteriores era ignorada. Estes dados indicam que a criança está analisando sua própria produção e que não se trata de problemas ortográficos, mas sim de uma escolha quanto ao número de segmentos que devem ser representados, bem como da posição que devem ocupar na estrutura da sílaba. Esses resultados, ainda parciais, mostram que mesmo crianças consideradas de risco adquirem essa estrutura sob condições favoráveis.

DA RELAÇÃO LINGUAGEM E PRAXIA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Elenir Fedosse (UNIMEP)

Este trabalho discute a relação linguagem e praxia, tomando como referência teorias enunciativas e discursivas da linguagem, pressupostos histórico-culturais envolvidos na produção do conhecimento humano, bem como a concepção de que a organização e o funcionamento cerebral se dão por meio de sistemas funcionais complexos. Ocupa-se especialmente da produção oral e da atividade praxica oro-facial de dois sujeitos afásicos não fluentes - IR, mulher de 63 anos, casada, mãe de duas filhas, professora primária aposentada e SL, homem de 60 anos, casado, pai de dois filhos, funcionário público afastado. Busca-se, neste trabalho, evidenciar o postulado vygotskyano de que a linguagem verbal participa, direta ou indiretamente, de todos os processos cognitivos (atenção, gnosias, praxias, entre outros) e, para tanto, descrevem-se alguns procedimentos utilizados no processo terapêutico - atendimento fonoaudiológico - desses sujeitos. Recorre-se ao princípio da continuidade sensorio-motora para se realizar as estimulações tátil-cinestésica, térmica e proprioceptiva da face e dos órgãos fonoarticulatórios. Convém dizer que esses procedimentos de estimulação são acompanhados do esclarecimento da estrutura e da fisiologia da musculatura oro-facial, por meio de imagens e esquemas funcionais. Por fim, analisam-se as repercussões favoráveis destes procedimentos na produção fonoarticulatória e na realização de gestos/expressões faciais dos sujeitos acompanhados.

DIFICULDADE DE INÍCIO DE MOVIMENTOS NA PRODUÇÃO LINGÜÍSTICA DE SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON

Lourenço Chacon (UNESP)

Este estudo, ainda em desenvolvimento, tem como proposta investigar um fato ainda não-consensual na literatura sobre o parkinsonismo: o de a dificuldade de iniciar movimentos, característica dos sintomas da doença, envolver também a atividade lingüística. Para tanto, estão sendo investigados momentos de alternância de interlocutores em sessões de conversação de dois sujeitos com diagnóstico de Doença de Parkinson e de dois sujeitos sem comprometimento neurológico. Nesses momentos, vimos observando: (a) se o início de resposta dos sujeitos se dá com alguma marca de hesitação; e (b) se essa resposta se dá em função de uma abertura ou de

uma contenção do sentido em relação à demanda do interlocutor. Nossos resultados, ainda parciais, têm apontado para as seguintes tendências: com relação a (a), o início de resposta dos sujeitos parkinsonianos se dá com um número percentual bem maior de hesitações em relação aos sujeitos não-parkinsonianos; com relação a (b), nos sujeitos parkinsonianos, também em número percentual bem maior do que nos não-parkinsonianos, as marcas de hesitação são bem mais freqüentes nos momentos de alternância que tendem para uma abertura do sentido. Se confirmadas essas tendências na organização final de nossos resultados, nosso estudo chama a atenção para os seguintes fatos nas práticas de linguagem de parkinsonianos: (1) a dificuldade de iniciar movimentos afeta também sua produção lingüística; e (2) a maior ocorrência de hesitações em momentos de abertura de sentidos indicia um funcionamento integrado dos subsistemas fonológico e semântico da língua - integração muito pouco tematizada nos estudos sobre o parkinsonismo.

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO: FOCO DA ATENÇÃO, SENTIDO, REFERÊNCIA E COMPREENSÃO

Mara Lúcia Fabricio de Andrade (UNICAMP), Carla Queiroz Silva (UNICAMP)

Descrever a constituição de processos de significação na linguagem de sujeitos cérebro-lesados é um de nossos intuits neste trabalho. Para tanto, conforme propostas por Jakobson em seu livro *Lingüística e Comunicação*, tomamos por base as relações metafóricas e metonímicas - entendendo que por meio delas dirigimos nosso foco de atenção - e buscamos relacioná-las com teorias sobre sentido, referência e processos de referenciação. Para tanto, serão utilizadas transcrições e découpages de sessões do Centro de Convivência de Afásicos - Grupo II (CCA-IEL/UNICAMP) que compõem o Banco de Dados em Neurolingüística (BDN/Projeto Integrado - CNPq). Nossa análise volta-se para a explicitação de processos que, por ocasião da interlocução, antecedem ou se encontram subjacentes à compreensão e que podem ampliar o atual conjunto de categorias descritivas utilizadas como código de busca do BDN.

PRÁTICAS DE ESCRITA COM AFÁSICOS

Ana Paula Vila Labigalini

Este trabalho analisa criticamente o modo como a escrita de sujeitos afásicos tem sido ainda tratada pela Fonoaudiologia em decorrência da concepção de linguagem que fundamenta sua prática e aponta as conseqüências dessa concepção. Partindo de uma abordagem tradicional e médica, a Fonoaudiologia trata as questões de escrita de maneira descontextualizada, reduzindo-a a tarefas mecânicas e sem sentido para o sujeito afásico. Os protocolos de avaliação, baseados na gramática normativa, são compatíveis com abordagens que se apóiam em unidades de análise de sentenças e interpretam o erro como incapacidade ou desvio da norma. A abordagem discursiva que orienta o presente estudo, ao contrário, procura descrever e explicar os procedimentos pelos quais o sujeito utiliza que o possibilitam assumir seu papel de sujeito da escrita.

Serão analisados dados de escrita de quatro sujeitos afásicos que participam de encontros semanais do GOIA - Grupo de Orientação e Integração dos Afásicos. Nesse grupo, as atividades têm função social e intersubjetiva, e são ancoradas na partilha de conhecimentos, temas e opiniões. O fonoaudiólogo - que desempenha o papel de mediador e co-autor dos textos - passa a compreender as dificuldades dos sujeitos, analisa os processos de escrita envolvidos nos textos produzidos e propõe, juntamente com os demais participantes do grupo, mecanismos alternativos que os ajudem a enfrentar as dificuldades apresentadas. Nesse processo, a interpretação e

a reestruturação de enunciados são fundamentais para que o afásico continue exercendo seu papel de sujeito da linguagem. Fica evidente que a função do fonoaudiólogo não se resume a simples aplicação de testes que pontuam o sujeito afastando-o de padrões de normalidade previamente estabelecidos. Ao contrário, o fonoaudiólogo dá forma, reconhece e significa as intenções do sujeito, que pode então expressar seu querer dizer, estabelecer sentidos e desenvolver sua escrita.

SEM FALAR, ESCREVER E LER E AINDA SUJEITO DA LINGUAGEM

Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Fernanda Maria Pereira Freire (UNICAMP), Tatiana de Melo Gomes

Neste trabalho apresentamos o caso de um jovem (RS) de 21 anos cuja lesão córtico-cerebral tem desdobramentos graves para sua vida. Antes atleta e aluno de cursinho pré-vestibular, hoje RS fala muito pouco, não escreve nada, não lê, não soletra, não calcula, copia e não compreende o que escreve. No entanto, compreende o que lhe é dito, assiste à TV e a vídeos, sabe o que acontece no Brasil e no mundo, usa celular, anda sozinho pela cidade. De acordo com Freud neurologista, pode-se dizer que RS apresenta desintegração das associações visuais, auditivas e cinestésicas que compõem a representação de palavra. A lesão cerebral de RS é extensa e atravessa todo o HE - envolvendo os lobos frontal, temporal, parietal e occipital - além de penetrar em regiões subcorticais, o que interfere a interpretação de qualquer informação do mundo externo que de alguma forma se relaciona às vias acústico-verbal e visuo-espacial. Apresenta também uma hemiparesia do lado direito de seu corpo. A natureza do quadro clínico de RS faz com que os múltiplos rearranjos e associações que realiza sejam instáveis, não estabelecendo trajetos que possam ser produzidos de novo, o que lhe causa grande sofrimento. A lesão justifica tudo que ele não faz, mas não o que ele faz e como faz. Este trabalho tem como meta mostrar - por meio de dados do acompanhamento longitudinal iniciado em outubro de 2004 - o intenso trabalho lingüístico-cognitivo de RS para (re)estabelecer novos arranjos, a partir de diferentes impressões sensoriais (aspectos visuais, auditivos, cinestésicos) e o modo como esse trabalho se manifesta em sua produção oral, escrita e na leitura. Esse caso é uma forte evidência clínica para a hipótese com que Freud rebate seus contemporâneos: uma coisa é o locus da lesão; outra, bem diferente, são as modificações funcionais dela decorrentes.

SOBRE A REFAÇÃO TEXTUAL

Elaine Cristina de Oliveira (UNICAMP), Sônia Maria Sellin Bordin (UNICAMP)

Este estudo tem como proposta analisar a presença de episódios de refacção textual que poderiam indiciar: (1) a manifestação da singularidade do sujeito no trabalho com a linguagem escrita, conforme os estudos de Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson; e (2) marcas de heterogeneidade mostrada, nos termos de Authier-Revuz, que se constituem como focos de tensão nos quais o sujeito negocia com os outros o seu dizer. Neste estudo será feita a comparação entre processos de refacção encontrados em produções textuais realizadas por duas crianças que se encontram em processo de aquisição de escrita, sendo uma delas diagnosticada como autista. De acordo com a literatura especializada, o autista não apresenta hesitações, correções, paráfrases. Essas atividades com e sobre a linguagem implicam a ocupação de lugares discursivos que estabelecem a continuidade de um sujeito psíquico que se relaciona com a cultura. Pode-se supor, portanto, que poucos episódios de refacção seriam encontrados na produção da criança em questão se comparados àqueles encontrados na produção da outra criança. É a natureza desses episódios de refacção e sua relação com seus outros constitutivos que se pretende analisar aqui.